

Pensar o Corpo através do Desporto, Hoje: Limite ou Superação? Harmonia ou Excesso?

João Tiago Lima¹

Comecemos por uma interrogação básica: de que falamos quando falamos de desporto? Pergunta inútil, dirão uns. Questão para a qual não há resposta consensual, defenderão outros. Num certo sentido, quer uns, quer outros não estão completamente errados. É que, se, por um lado, o desporto é um dos fenómenos mais presentes na paisagem do mundo contemporâneo (e, por isso, à primeira vista pelo menos, todos sabemos acerca do que falamos quando falamos de desporto), por outro, não é nada fácil chegar a um acordo sobre um significado unívoco acerca de um conceito que remete para actividades muito diversas entre si. No entanto, estas dificuldades não nos autorizam que fuçamos ao problema.

Assim, e pelo menos provisoriamente, podemos dizer que desporto é, hoje, ao mesmo tempo, um espectáculo televisivo de massas e uma actividade física formalmente organizada e que requer uma elevada especialização técnica. Por que razão alcançou o desporto, como prática e como espectáculo, a importância que tem na civilização contemporânea? Eis uma resposta possível que, no longínquo ano de 1937, foi dada pelo filósofo Sílvio Lima: «O desportista baseia o seu prestígio, ou fundamenta os seus méritos, não sobre privilégios de *casta*, de *herança* ou de *riqueza*, mas sobre autênticas, irrefragáveis

¹ Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Filosofia da Universidade de Évora. Membro do CICP – Centro de Investigação em Ciência Política

qualidades pessoais, adquiridas laboriosamente mercê dum esforço individual, livre, paciente e disciplinado» (*Ensaio sobre Desporto*, 1937). Mais recentemente, o filósofo francês Luc Ferry explicita esta ideia. No desporto, as «hierarquias [definem-se] (...) numa base estritamente democrática. É por isso que a batota é, no domínio desportivo, o pecado mortal, porque infringe o princípio sacrossanto da democracia: o princípio da igualdade de oportunidades» (Congrès du Havre, 1997).

Centremos agora a nossa atenção no desporto, definido como prática. O desporto é uma actividade física, sem dúvida! Implica condicionantes motoras como a força, a resistência e a velocidade. Por outro lado, trata-se de uma competição em que duas ou mais pessoas se confrontam mediante regras formais que os adversários (*colaboradores antagonistas*, dizia Sílvio Lima) comumente aceitam. Sem regra, não há desporto! Na verdade, as regras têm no desporto um valor *ontológico* (Yves Vargas). Podemos imaginar uma sociedade sem lei, *mas sem regras o desporto deixa de o ser*. No entanto, e desde que os competidores estejam de acordo, as regras podem mesmo ser mudadas ou até inventadas. No desporto, a competição significa auto e hetero-emulação, estando isso bem expresso na expressão olímpica *citius-altius-fortius*. Contudo, uma nova questão impõe-se: quais são ou quais deverão ser os limites dessa competição?

É evidentemente tentador estabelecer uma analogia entre as *representações visuais* do que chamamos desporto antigo e uma certa imagem que associamos ao espírito olímpico que tem repercussões estéticas e, convém nunca esquecer, comerciais e políticas. Não há dúvida de que o próprio ideário olímpico radica simbolicamente nessa analogia. Ainda assim, convém não esquecer que as raízes gregas do desporto nascem num *mundo* fechado que privilegia antes de mais os valores do limite e da harmonia. Por seu turno, para a civilização grega, o ilimitado era visto como o imperfeito, ou seja, o inacabado ou o insuficiente. Nesse contexto, a actividade física (e, portanto, também aquilo que podemos

considerar o precursor do desporto moderno) visa estabelecer a harmonia entre o homem (micro-cosmos) e o mundo. Por isso, a actividade física no mundo antigo não pode ultrapassar as finalidades determinadas pela *physis* – o atleta realiza as suas potencialidades e não vai, ou não deve ir, além delas (não há a ideia de *record*). É essa razão pela qual a ginástica tem um fim médico e pedagógico, nomeadamente militar.

A ideia (que, em bom rigor, caracteriza grande parte do desporto moderno) segundo a qual o atleta deve procurar superar os seus próprios limites é fortemente contestada no mundo grego. A título de exemplo, vejamos como, em *A República*, Platão faz Sócrates exprimir-se quanto a este ponto. Falando com Gláucon sobre os benefícios da educação militar, Sócrates defende que «A [alimentação diária dos atletas] é um tanto ou quanto sonolenta e precária para a saúde. Ou não vês que passam a vida a dormir e que, se se afastam um bocado da dieta prescrita, esses atletas adoecem muito gravemente?» (*A República* 404a).

Ora, o universo definido pela modernidade rege-se por um horizonte cosmológico completamente diferente. Se a invenção do telescópio por parte de Galileu (1564-1642) permite superar uma perspectiva qualitativa do universo, a dúvida metódica de Descartes (1596-1650) vai minar os alicerces da fundamentação divina da verdade. Doravante, a modernidade opõe, através de um longo e complexo caminho, liberdade e natureza. A primeira decorrente da vontade humana que não parece ter limites e, por isso, o progresso histórico também parece não ter fim. A segunda condicionada às leis da ciência que tudo parecem explicar *matematicamente*. Daí o cariz paradigmática da célebre frase de Kant (1724-1804): «Duas coisas enchem o ânimo de admiração e veneração sempre novas e crescentes, quanto mais frequentemente e com maior assiduidade delas se ocupa a reflexão: O céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim» (*Crítica da Razão Pura*, 1788).

O desporto, fenómeno intrinsecamente moderno, pode então definir-se como *hybris*, ou seja, vontade permanente de superação dos limites. O atleta é visto, e vê-se a si mesmo, como uma incessante e quase ilimitada hétero e auto-construção (física, técnica, emocional, estratégica, icónica, política, comercial...).

E o que é a obsessão insaciável pelos records no desporto moderno senão uma perspectiva quantitativa da actividade física? Por vezes, essa vontade de superação passa mesmo para os espectadores do desporto. O escritor Paul Auster, num fascinante diálogo epistolar com o também escritor (e Prémio Nobel, de resto) J.M.Coetzee, dá conta disso mesmo quando confessa: «Exercise for the sake of exercise has always bored me. Sit-ups and push-ups, jogging around the track “to stay in shape,” lifting weights, tossing around a medicine ball do not have the same salutary effect produced by competition. By trying to win the game you are playing, you forget that you are running and jumping, forget that you are actually getting a healthy dose of exercise. You have lost yourself in what you are doing, and for reasons I don’t fully understand, this seems to bring intense happiness. There are other transcendent human activities, of course – sex being one of them, making art another, experiencing art yet another, but the fact is that the mind sometimes wanders during sex – which is not always transcendent! – making art (think: writing novels) is filled with doubts, pauses, and erasures, and we are not always able to give our full attention to the Shakespeare sonnet we are reading or the Bach oratorio we are listening to. If you are not fully in the game you are playing, however, you are not truly playing it.» (*Here and now - Letters 2008-2011*, 2013).

Dito isto, e para concluir, perguntemos: o que significa pensar o corpo, hoje, através do desporto? Dizemos e ouvimos dizer com frequência que estes ou aqueles desportistas profissionais estão (ou não estão) *em forma*. É mesmo habitual afirmar-se nos dias que correm que, por exemplo, Rafael Nadal parece não ser o *mesmo*, ou seja, não exhibe

a *forma* que já foi a sua, digamos, há alguns meses ou anos atrás. Em contrapartida, reconhecemos, com satisfação e até com o sentimento de que se está a repor uma certa justiça, que Néilson Évora parece estar a regressar aos seus *bons velhos tempos*, ou seja, a *saltar* para a sua antiga *boa forma*.

Mas, afinal, o que significa *estar em forma*? Significa Vencer a irreversibilidade da decadência física? Será esse o caso de Rafael Nadal? Conseguirei eu mesmo pesar o que pesava e correr o que corria há dez anos atrás? Ou, vendo as coisas de um prisma distinto, significa definir e ultrapassar infinitamente novas metas? Conseguirá Cristiano Ronaldo marcar seis golos num jogo só? (Triplo)-Saltará Néilson Évora alguma vez mais de dezoito metros? Será possível corre, um dia, os cem metros em menos de nove segundos e cinquenta centésimos?

Quer num caso, quer no outro, estamos muito longe do que, por exemplo, Hipócrates (460-370 aC) preconizava quando dizia que o médico não deve atrapalhar nem agredir a natureza, mas apenas ajudá-la. Ou quando afirmava que cada homem é submetido a um conjunto de influências incomparáveis que fazem dele uma singularidade (micro-cosmos). Ou mesmo quando defendia a tese segundo a qual muitas vezes a natureza por si só é curativa e repara os seus próprios males. Claro que é sempre possível recuperar estes e outros princípios hipocráticos, mas será que eles têm alguma coisa a ver com o desporto, pelo menos tal como o concebemos hoje?

É que a essência do desporto de alto rendimento reside na sua artificialidade intrínseca. Por exemplo, Dick Fosbury revolucionou o salto em altura e venceu a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos da Cidade do México (1968). O que parecia estranho, excessivo, anti-natural, (anti-hipocrático?) ou mesmo louco veio a tornar-se entretanto na técnica padrão desta modalidade.

Reparemos num outro exemplo, este dos nossos dias. O jogador de rugby profissional Uini Atonio, internacional da selecção francesa, tem vinte e cinco anos, mede um metro e noventa e cinco centímetros de altura e pesa cento e cinquenta e cinco quilos. Seria absolutamente injusto dizer que os méritos desportivos de Atonio (que, técnica e medicamente será sem dúvida considerado um doente que sofre de obesidade) dependem exclusivamente da sua constituição física. Mas também seria pouco exacto sustentar a ideia de que essa constituição (digamos: muito pouco hipocrática) nada tem a ver com a sua *performance* competitiva. Fosbury e Atonio, cada um à sua maneira, acabam por ilustrar, em nosso entender, contradição insanável do desporto na contemporaneidade que vive um equilíbrio instável entre dois pólos conceptuais: Harmonia ou excesso? Limite ou superação? Residirá nesse paradoxo a origem do ilimitado fascínio que o desporto exerce sobre as sociedades contemporâneas? Sem dúvida. Mas, ao mesmo tempo, permite a um olhar atento ver este fenómeno global de massas como um magnífico *laboratório* que nos ajude a pensar o destino e o sentido do humano num tempo em que estes conceitos parecem cada vez mais problemáticos.

Évora, 8 de Abril de 2015

